

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA
DALILA MONTEIRO PANTOJA**

**A CATALOGAÇÃO DE ITENS DE INDUMENTÁRIA EM ACERVOS
ESPECIALIZADOS EM MODA**

**BELÉM
2018**

DALILA MONTEIRO PANTOJA

**A CATALOGAÇÃO DE ITENS DE INDUMENTÁRIA EM ACERVOS
ESPECIALIZADOS EM MODA**

Trabalho de conclusão de curso orientado pela Prof. Nara Santos, apresentado à Faculdade de Biblioteconomia da Universidade Federal do Pará como requisito para a obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia.

BELÉM

2018

P198c Pantoja, Dalila Monteiro
A catalogação de itens de indumentária em acervos
especializados em moda / Dalila Monteiro Pantoja – 2018.
46f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de
Biblioteconomia, Instituto de Ciências Sociais Aplicadas,
Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.
Orientadora: Nara Raimunda de Almeida Santos.

1. Catalogação. 2. Moda. 3. Modateca. 4. Código de
catalogação. 5. Acervo de moda. I. Santos, Nara Raimunda de
Almeida. II. Título.

CDD. 22. ed.: 025.3

DALILA MONTEIRO PANTOJA

**A CATALOGAÇÃO DE ITENS DE INDUMENTÁRIA EM ACERVOS
ESPECIALIZADOS EM MODA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do Pará como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Data de aprovação:

Conceito:

Banca Examinadora:

_____ - Orientadora

Nara Raimunda de Almeida Santos
Especialista em Arquivologia
Professora Auxiliar da UFPA

_____ - Membro

Oderle Milhomem Araújo
Especialista em Administração de Bibliotecas
Professora Auxiliar da UFPA

_____ - Membro

Williams Jorge Corrêa Pinheiro
Mestre em Serviço Social
Professor Adjunto da UFPA

Dedico este trabalho à todas as mulheres guerreiras da minha família, que mesmo diante das adversidades da vida, nunca tiveram sua fé abalada. Em especial às minhas bisavós Merandolina dos Santos Barbosa e Osvalda Gomes Rodrigues.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a Deus por ter chegado aqui, Ele que foi o meu sustento e meu conforto nos momentos de angústia nessa a jornada acadêmica.

Aos meus pais Betânia Maria Monteiro Pantoja e Paulo Willianms dos Santos Pantoja por não medirem esforços em oferecer uma educação de qualidade para seus filhos, mesmo que para isso tenham que afastar e sentir imensa a saudade que é morar longe.

Agradeço a todos os meus familiares que direta ou indiretamente contribuíram para minha chegada até aqui, em especial às minhas avós Catarina dos Santos Pantoja e Raimunda Monteiro dos Santos por me apresentarem o mundo das costuras desde muito cedo e despertarem meu gosto pela moda.

A minha orientadora prof^a Nara Santos pelo apoio; por aceitar o desafio de orientar um trabalho tão diferente da área em que atua e por não deixar que as dificuldades encontradas para a realização deste me fizessem desistir.

As minhas ex-chefes e muito em breve colegas de profissão Odailma Pinheiro, Rosângela Mourão, Ruthane Saraiva, Tânia Camorim e Valdenira de Jesus que me acolheram em suas “casas”, com quem pude conviver e aprender na prática a grandiosa arte de se administrar uma biblioteca e me mostraram as infinitas possibilidades que uma bibliotecária pode exercer em seu exercício diário; e por me aproximarem de pessoas maravilhosas durante o tempo em que fui estagiária das bibliotecas sob a direção de vocês.

E agradeço especialmente aos meus colegas e amigos que a UFPA me apresentou e que levarei para a vida toda, obrigada por não deixarem que o estresse dos trabalhos em grupo enfraquecesse o vínculo de amizade entre nós, por guardar lugar na fila e em especial aqueles que me ensinaram a ser a 001 da fila do R.U.

RESUMO

Apresenta uma pesquisa exploratória de caráter qualitativo e somado a uma revisão bibliográfica e uma pesquisa de observação tem por finalidade demonstrar como ocorre a catalogação em acervos especializados em moda nas Unidades de Informação que tem seu foco na área da moda. Serviços e produtos, como: roupas por assinatura, amostras de tecidos, preservação de indumentárias e etc, vem sendo incorporadas nas bibliotecas voltadas à Moda. Entretanto, podem não receber o tratamento técnico necessário para que possa ser trabalhada a representação descritiva de forma adequada ou efetuada uma catalogação de tais materiais de acordo com as normas, quando os próprios manuais e guias da Biblioteconomia não abrangem tais instrumentos para o tratamento da informação de forma clara e específica. Concluímos que a catalogação pode ser trabalhada de forma similar as publicações e suportes documentais tratados nas bibliotecas tradicionais, bastando um conhecimento e habilidade de manusear e ajustar as características atribuídas a esses materiais especiais aos campos descritivos já estabelecidos para as bibliotecas tradicionais.

Palavras-chave: Catalogação. Acervos de Moda. Representação da Informação.

ABSTRACT

Means of an exploratory research of qualitative nature wedded to a bibliographic review and an observation research having the purpose to show how the cataloging in a fashion library occurs in information unit which is focused in fashion area. Services and products as example: clothes by subscription, tissue samples, clothes preservation and other. Is being implemented in the libraries directed to fashion, however, may not receive the care techniques necessary that can be worked the descriptive representation with appropriate manner or executed the cataloging of materials according technical norms, when the own guides of library science don't cover such instruments to the treatment of information clearly and specifically. Concludes that the cataloging can be worked similarly the publications and documental supports treated in traditional libraries, being sufficient the knowledge and ability to handle and to adjust the features assigned to these special materials to the descriptive domain already established to traditional libraries.

Keywords: Cataloging; Fashion Library; Representation of Information.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 – Modateca	27
Imagem 2 – Biblioteca	27
Imagem 3 – Teciteca	28
Imagem 4 – Organização de uma roupateca	30
Imagem 5 – Identificação das peças	31
Imagem 6 – Dados do acervo de uma bandeira de tecido	38
Imagem 7 – Dados do acervo de um chapéu	39
Imagem 8 – Distribuição das bandeiras	40
Imagem 9 – Coleção de maiôs retrôs	41

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AACR	<i>Anglo-American Cataloguing Rules</i>
AACR2	<i>Anglo-American Cataloguing Rules, 2ª edição</i>
ABEPEM	Associação Brasileira de Estudos e Pesquisas em Moda
ALA	<i>American Library Association</i>
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CLA	<i>Canadian Library Association</i>
DASP	Departamento Administrativo do Serviço Público
FAP	Faculdade do Pará
IFLA	<i>International Federation of Library Associations and Institutions</i>
INL	Instituto Nacional do Livro
LC	<i>Libray of Congress</i>
MARC	<i>Machine Readable Cataloging</i>
REG	Registro Geral
SENAC	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SciELO	<i>Scientific Eletronic Library Online</i>
UDESC	Universidade do Estado de Santa Catarina
UI	Unidade de Informação
UNAMA	Universidade da Amazônia
UFC	Universidade Federal do Ceará

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	19
2 METODOLOGIA	21
3 MODA E INDUMENTÁRIA	22
4 A MODA ENQUANTO CAMPO DO CONHECIMENTO	24
5 BIBLIOTECA ESPECIALIZADA EM MODA (modateca)	26
5.1 Teciteca ou tecidoteca	28
5.2 Roupateca (<i>fashion library</i>)	29
6 O PROCESSO DE CATALOGAÇÃO	32
6.1 Etapas da catalogação	33
6.1 Códigos de catalogação	33
6.1.1 O código <i>Anglo-American Cataloging Rules</i> (AACR)	34
7 CATALOGAÇÃO DA INDUMENTÁRIA	37
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS	43
APÊNDICE A	45

1 INTRODUÇÃO

O ramo da moda há algum tempo vem sendo discutido como campo do conhecimento, prova disso é que em meados dos anos 1980 surge em São Paulo o primeiro curso superior em moda no Brasil numa tentativa de suprir a necessidade de formar profissionais especializados na área. Devido o crescimento do número de cursos voltados para a área da moda, aumenta-se também a demanda por informações especializadas, o que exige das Unidades de Informação a incorporação de itens diferenciados ao acervo.

Como as principais fontes de informação sobre moda são os materiais têxteis, foram adicionados ao acervo de bibliotecas tradicionais esses itens, e diante de uma vasta gama desses suportes informacionais. Portanto faz-se necessário que o bibliotecário tenha um conhecimento específico sobre o tipo de material que ele descreve, e os ensinamentos em sala de aula e até mesmo os códigos de catalogação não abordam a variedade de instrumentos passíveis de tratamento de maneira específica fazendo com que o mesmo se especialize em sua área de trabalho ou mesmo agregue à sua equipe profissionais do ramo. Visto isso, o objetivo geral desta pesquisa é identificar como ocorre a catalogação de itens de indumentária em coleções especializadas em moda.

Numa biblioteca que contém uma coleção especializada em moda, itens de indumentária por vezes assumem o papel de principal fonte de informação e como a incorporação desses suportes ainda é muito recente, ainda faltam obras de referência para o bibliotecário desempenhar uma de suas principais funções: a catalogação. Portanto é de suma importância o estudo da catalogação desses itens para melhor disponibilizá-la ao usuário.

Nos objetivos específicos, analisa o ramo da moda em quanto ciência, sua importância histórica e o porquê de se criar bibliotecas especializadas em moda, entre tipos de Unidades de Informação (UI) voltadas para a moda destacam-se: a modateca, a teciteca e a roupateca. A modateca é a biblioteca especializada em moda e tem como objetivo a preservação da indumentária para pesquisas, bem como a previsão de futuras tendências no que se diz respeito à vestimenta (ROKICKI, 2013); a teciteca é uma coleção especial que pode estar associada a uma UI ou não, usa o tecido como principal fonte de informação e tudo que dele possa se extrair, desde sua estrutura até a melhor utilização de tal. (KAULING,

2008). Já a roupateca, é um modelo de negócio em expansão que une dois conceitos definidos por Cunha (2008) de “bibliotecas de aluguel” e de “bibliotecas por assinatura” que são bibliotecas em que os usuários arcam com os custos de manutenção de instalações e materiais, e por um valor pré-estabelecido tem o direito de emprestar itens e usufruir do espaço oferecido.

Outro objetivo específico é demonstrar de que maneira a criação de materiais técnicos para a padronização da catalogação são importantes para a recuperação correta da informação por parte de pesquisadores, em especial as pesquisas a cerca das tecnologias têxteis. O tratamento técnico destes utensílios se assemelha ao de suportes tradicionais o que o torna mais acessível tanto para o catalogador quanto para quem busca essas informações. Porém, a disponibilização correta destes suportes requer do profissional que a faz um conhecimento prévio específico, e a adequação as regras pertinentes a cada item.

2 METODOLOGIA

O presente trabalho traz uma pesquisa exploratória de caráter qualitativo fazendo uma revisão bibliográfica de conceitos de teciteca e roupateca definidos anteriormente por teóricos que já atuam nessas Unidades de Informação, foi utilizada a internet para a obtenção de grande parte das obras referenciadas, como ferramenta de busca utilizou-se site “Google Acadêmico” para a coleta de arquivos abordando o tema, uma vez que em bases de dados consolidadas como o Portal de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e o site da *Scientific Eletronic Library Online* (SciELO) não foram encontrados resultados satisfatórios, ou ainda, não foram encontrados resultados.

As palavras-chave utilizadas foram “modateca”, “teciteca”, “tecidoteca” e “tecitotecas”, termos encontrados em obras referenciadas neste. Sobre a moda, a indumentária, e a moda enquanto campo do conhecimento, foram escolhidas obras abordando a história da moda e da indumentária desde os primórdios das civilizações até a atual produção científica sobre a moda no Brasil.

Para discorrer sobre as roupatecas, foi feita uma visita à *fashion library* Kleidererlei que fica localizada na cidade de Hamburgo na Alemanha onde realizou-se uma pesquisa de campo e uma entrevista com Thekla Wilkening (apêndice A) cofundadora da empresa, e uma pesquisa de observação, para o levantamento de dados acerca das bibliotecas *Fashion*, a partir da análise dos dados foi aplicado o método dedutivo com base nas informações coletadas.

Se tratando da catalogação, traz uma pesquisa documental contendo sua conceituação segundo as obras de referência relevantes e quais etapas devem ser seguidas para um bom desenvolvimento da atividade na prática, aborda de forma histórica sobre os códigos de catalogação, explica por meio de um organograma como se divide o Código de Catalogação Anglo Americano (AACR) e traz imagens exemplificando como é desenvolvida a catalogação dos itens têxteis nas referidas Unidades de Informação que contem um acervo especializado em moda.

3 MODA E INDUMENTÁRIA

A moda envolve muitos aspectos do comportamento humano, sua conceituação torna-se um desafio devido às muitas associações ao termo, entendê-la requer entender o desenvolvimento histórico da raça humana, pois o ato de vestir-se está tão intrinsecamente ligado ao homem que se torna um reflexo de sua própria existência. Costa define a moda num sentido mais amplo como algo que:

Trabalha elementos como valores sóciohistóricos, consumo, relações sociais, entre outros, que se pode entender moda não como algo gratuito, sem sentido ou mesmo supérfluo. Ela existe como manifestação interna e externa dos valores de uma determinada época. Existe para preencher uma necessidade construída culturalmente, que o homem tem, de se relacionar socialmente pela aparência. (COSTA, 2003. p.22)

Durante o período pré-histórico, a raça humana vivia um período de descobertas impulsionadas pelo instinto de sobrevivência e então sentiu-se a necessidade de proteger o corpo, o que segundo Laver (1989) segue duas linhas distintas de desenvolvimento em regiões tropicais e glaciais. No período paleolítico fazia-se uso da pele de animais para proteger-se de temperaturas mais baixas, e devido à rigidez do couro buscava-se uma maneira de torná-lo maleável e melhor cobrir o corpo, para tanto era necessária a aplicação de algumas técnicas. Inicialmente a melhor maneira encontrada foi a mastigação, depois descobriu-se o uso de óleos animais e em seguida o ácido tânico que era extraído de árvores e tornavam o couro maleável e impermeável.

Nas regiões tropicais se desenvolveram tecidos a partir de fibras vegetais e por serem firmes demais dificultando o corte, geralmente tinham o formato de um retângulo que era enrolado ao corpo. O maior avanço tecnológico que surge neste período certamente foi a agulha de mão, produzida a partir de marfim de mamute, ossos de rena e presas de leão-marinho que Laver (1989) compara tão importante quanto a descoberta do fogo e da roda. Outra tecnologia que revolucionou o ato de se produzir os tecidos foi a invenção do tear, fato que possibilitou a fabricação de tecidos em maiores proporções em um tempo reduzido e contribuiu para o desenvolvimento da moda como conhecemos hoje.

Ainda nas civilizações antigas houve a diferenciação de classes sociais, e essa mudança pôde ser vista principalmente na forma de se vestir. No Antigo Egito, por exemplo, "as pessoas de classes mais baixas e escravos dos palácios andavam

quase, ou completamente, nus. O uso de roupas era uma espécie de distinção de classe" (LAVIER, 1989, p.16). Na civilização romana, apenas o imperador poderia usar roupas na cor púrpura e a tentativa de copiar essa cor era entendida como crime capital. Ao longo do tempo a vestimenta esteve relacionada aos mitos, pessoas, costumes e crenças e constituía uma das principais características dos povos que a utilizavam o que agrega um valor histórico às roupas e aos tecidos (KRAULING, 2008).

Até então, o modo de vestir-se ainda não é considerado por estudiosos da área como moda no sentido em que conhecemos hoje, esta surge no final da Idade Média com as significativas mudanças de mentalidade da população, as roupas tornam-se menos utilitárias e começam a focar em aspectos ornamentais e estéticos (POLLINI, 2007), impulsionada pela competição social a moda passou a ser trivial

Lipovetsky aponta que a moda tornou-se "Um dispositivo social caracterizado por uma temporalidade particularmente breve, por reviravoltas mais ou menos fantasiosas, podendo, por isso, afetar esferas muito diversas da vida coletiva". (LIPOVETSKY, 1991, p.24). As classes menos favorecidas copiavam as mais abastadas que atribuíram às roupas um caráter de ostentação

No século XX houve uma explosão de informações sobre a moda e essa passa a caracterizar as décadas e se torna cíclica, e desde então vem passando por constantes mudanças o que gera muitos desafios para profissionais da área, pois requer um conhecimento apurado sobre o que está, o que não está e o que será "moda", possibilitando assim, a criação de várias especialidades e diversas pesquisas a cerca do que podemos considerar a indústria da moda.

4 A MODA ENQUANTO CAMPO DO CONHECIMENTO

A moda pode ser analisada por diversos aspectos em diferentes áreas do conhecimento, mas sobre ela em si, poucos registros podem ser recuperados em bases de dados gerais, o que causa certa dúvida no reconhecimento formal do assunto. No portal de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) numa pesquisa básica por assunto com o termo "fashion" (moda) são recuperados 2.828.698 remissivas; a mesma pesquisa com o termo "law" (direito) são recuperadas 8.450.815 remissivas, essa diferença dá-se pelo Direito ser uma ciência tradicional e a Moda uma área ainda em processo de expansão¹.

No Brasil a moda surge como "ciência" na década de 1980 impulsionada pelo crescimento da indústria têxtil que até então era comandada por leigos e autodidatas de diferentes áreas, o que exigiu uma mão de obra qualificada, segundo com Pires (2002, p.9) "voltou-se para a Academia a fim de que esta teorizasse e sistematizasse o aprendizado de processo criativo, a etapa que antecede à produção seriada do vestuário" e com a consolidação dos cursos técnicos profissionalizantes surge na Faculdade Santa Marcelina em São Paulo o primeiro curso de graduação em Moda no ano de 1988, considerando o mercado favorável, os primeiros cursos foram criados em âmbito privado, e somente em 1994 a Universidade Federal do Ceará (UFC) oferta o curso em esfera pública. (PIRES, 2002); (TREVISOL NETO; CAFÉ; SILVA, 2017).

Ao longo de 40 anos foram criados 191 cursos de graduação em moda (bacharelado, licenciatura e tecnológico); em nível de pós-graduação, o primeiro curso foi criado pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) de São Paulo em 2005. (TREVISOL NETO; CAFÉ; SILVA, 2017). O desenvolvimento dos cursos superiores tornou-se uma tendência e se expandiu pelo Brasil de acordo com a demanda de cada região, em Belém atualmente duas faculdades ofertam o curso de graduação tecnológica a Universidade da Amazônia (UNAMA) e a Estácio-FAP.

Os cursos de pós-graduação influenciam diretamente no fluxo de produções científicas que servem como um medidor para se conhecer o nível de maturação da área, sobre a institucionalização da moda:

¹Pesquisa realizada no Portal de periódicos da CAPES em: 17 jan. 2018.

Atualmente existe um programa de mestrado específico em moda no Brasil. A formação de pesquisadores fomentará a produção de conhecimento científico e incrementará os fluxos de informação entre a comunidade científica, reforçando assim a institucionalização social e, conseqüentemente, a cognitiva desse campo. (TREVISOL NETO; CAFÉ; SILVA, 2017, p.159-160)

A produção acadêmica da moda é relativamente baixa, mas expressiva levando em consideração o número de pesquisadores voltados a essa temática. O Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) identifica 42 grupos de pesquisa na área da Moda, desses fazem parte 349 doutores pesquisadores que ao longo de 26 anos publicaram somente 368 artigos científicos tendo a moda como assunto principal. A publicação desses trabalhos ocorre principalmente em periódicos revisados pelos pares, pois é uma forma de garantir a cientificidade do tema e é também a maneira mais rápida de transmitir esse conhecimento devido a periodicidade das publicações, o Brasil possui apenas três periódicos consolidados específicos acerca da moda, as revistas IARA: revista de moda, cultura e arte; ModaPalavra E-periódico; e Dobras, o que demonstra o pequeno nível de maturação do campo.

Tratando-se de eventos científicos, atualmente são realizados oito, grande parte organizados pela Associação Brasileira de Estudos e Pesquisas em Moda (ABEPEM), que se tornam espaços de encontro e discussões sobre o que vem sendo produzido nacionalmente na comunidade científica, composta por estudantes, pesquisadores e especialistas em um campo do conhecimento, em 26 anos os 349 doutores atuantes publicaram 1.365 artigos nesses eventos, o que representa uma maior expressividade em número de publicações, um dos fatores que levam os pesquisadores a publicar nesses eventos, é que os comitês editoriais são mais abertos a novidades, esses encontros servem também tornar visível a importância do processo de institucionalização da moda (TREVISOL NETO; CAFÉ; SILVA, 2017).

5 BIBLIOTECA ESPECIALIZADA EM MODA (modateca)

O crescimento da criação de cursos de moda impulsionou pesquisas sobre os tipos de material estudados e para um melhor desenvolvimento de novas tecnologias e tendências, coube às bibliotecas se adequarem e incorporarem aos seus acervos esses suportes que seu público alvo demanda, portanto, faz-se necessária a criação de uma biblioteca especializada em moda que recebe a denominação de Modateca, pois além dos suportes tradicionais de uma Unidade de Informação, possui acervos especiais compostos por itens relacionados à área em que atua. Barros (2009, p. 6) define modateca como "um conjunto organizado e catalogado de amostras têxteis, periódicos, sites, catálogos para pesquisa, materiais sobre indumentária, moda e referências de tendências de moda", surgiu da necessidade de pesquisadores e alunos por materiais específicos, principalmente a indumentária, revistas, livros e periódicos especializados, têm como objetivos a preservação da indumentária para futuras pesquisas, e a previsão de tendências em cores, tecidos e modelagens que são de suma importância para o desenvolvimento da área.

A primeira modateca montada no Brasil surge a partir da doação da coleção de chapéus de Madame Marthe Moniosem (1998) para a biblioteca da Unidade da Lapa Faustolo do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) que fica localizada na cidade de São Paulo, e desde então incorporou diversos itens têxteis em seu acervo que servem de subsídios para pesquisadores e alunos da área da moda e afins. Seu acervo é composto por peças de vestuário de estilistas consagrados nacional e internacionalmente, itens desenvolvidos nos trabalhos de conclusão de curso dos alunos da instituição, sapatos, bolsas, cintos, e acessórios, provenientes de doações do figurino de figuras emblemáticas. Conta com um espaço destinado à preservação do acervo com condições favoráveis para a melhor conservação do acervo onde são feitas a conservação e restauro de peças danificadas (SENAC, 2017).

O espaço de uma modateca abriga vários ambientes, como os acervos ditos tradicionais formados por livros em diversos formatos, suportes eletrônicos e digitais, as publicações periódicas, e também os acervos especiais relacionados à área da moda contendo roupas, tecidos, substratos têxteis, aviamentos e outros itens

relacionados à confecção de roupas que possam gerar pesquisas para o desenvolvimento da área.

Imagem1: Modateca



Fonte: SENAC Lapa Faustolo, 201?²

Imagem2: Biblioteca



Fonte: SENAC Lapa Faustolo, 201?³

²Disponível em: <<http://www.sp.senac.br/jsp/default.jsp?newsID=a822.htm&testeira=733&unit=FAU&sub=1>>, acesso em: 18 jan. 2018.

³Disponível em: <<http://www.sp.senac.br/jsp/default.jsp?newsID=a822.htm&testeira=733&unit=FAU&sub=1>>, acesso em: 18 jan. 2018.

As imagens 1 e 2 ilustram o interior da Modateca da unidade do SENAC da Lapa Faustolo em São Paulo, onde encontram-se vários espaços e diferentes tipos de materiais.

5.1 Teciteca ou Tecidoteca

Em 1993 o SENAC monta uma coleção de tecidos organizada em caixas-arquivo, separados por tipo e gramatura (SENAC, 2011), surge então o conceito de Tecitecas que são definidas como: “um espaço que agrega um conjunto organizado e catalogado de amostras e materiais têxteis, constituindo-se em um suporte pedagógico aos professores e acadêmicos” (COSTA, 2005, p.133), uma vez que a razão de ser dos cursos de moda é a criação de produtos de moda e sendo os tecidos sua matéria-prima, faz-se necessário que os criadores conheçam as características de cada tipo de tecido para melhor desenvolverem suas coleções.

De acordo com Costa (2006, não paginado) as tecitecas “nascem como um projeto de apoio ao ensino, limitadas muitas vezes às ações de coleta, catalogação e organização do material têxtil”.

Imagem 3: Teciteca



Fonte: SENAC Lapa Faustolo, 2017⁴

⁴Disponível em: <<http://www.sp.senac.br/jsp/default.jsp?newsID=a822.htm&testeira=733&unit=FAU&sub=1>>, acesso em: 18 jan. 2018.

A imagem 3 traz um exemplo de organização de uma teciteca, que no sentido das Unidades de Informação pode ser considerada um acervo especial, ou ainda uma coleção especial que para a *International Federation of Library Associations and Institutions* (IFLA) são:

todos os documentos e suportes de informação que não aparecem no formato de um livro, mas sim, outros formatos como desenhos, gravuras, fotografias, microformas, mapas, gravações de som, audiovisual, partituras musicais, recursos eletrônicos, entre outros, com a exclusão dos trabalhos artísticos originais e cópias de objetos encontrados naturalmente. (IFLA, 1993, não paginado apud BENDER; SIMIONATO, 2016, p. 68).

São classificadas desta maneira uma vez que podem ou não estar ligadas à uma modateca, mas que sozinhas não constituem uma Unidade Informação. Seu objetivo é alcançado quando a partir das pesquisas realizadas na teciteca são desenvolvidos novos produtos visando a melhoria do produto final (COSTA, 2006).

5.2 Roupateca (Fashion Library)

Baseada na ideia de consumo coletivo surge em Estocolmo, em 2009, uma empresa que compartilha peças de roupa que foi denominada como *fashion library* (biblioteca *fashion*) que funciona como um plano de assinatura mensal em que os membros se associam e tem direito a levar pra casa uma quantidade predeterminada de peças de acordo com plano contratado, essa prática se popularizou a princípio nos países nórdicos e em seguida pela Europa, onde atingiu uma grande notoriedade e localizam-se as principais *fashion libraries* atualmente. No Brasil esse sistema recebe o nome de biblioteca de roupas ou ainda roupateca, por fazer uma associação às bibliotecas tradicionais, que são entendidas como um acervo registrado e organizado de suportes informacionais onde os usuários podem tomar emprestados por um prazo específico uma determinada quantidade de itens.

As principais diferenças são quanto aos materiais disponíveis, no caso as roupas, e que os usuários precisam fazer a assinatura de um plano para utilizar o serviço; essa prática não se restringe as roupatecas, pois caracteriza dois termos que Cunha e Cavalcanti conceituam: as bibliotecas de aluguel e as bibliotecas por assinatura que foram bibliotecas comuns nos séculos XVIII e XIX onde os usuários custeavam a utilização dos serviços e a manutenção tanto dos livros quanto do espaço dessas bibliotecas (CUNHA; CAVALCANTI, 2008).

As *fashion libraries* não são administradas por profissionais da informação, em sua maioria são geridas por administradores e pessoas de outras áreas de formação, por esse motivo muitas atividades técnicas relacionadas aos processos de uma Unidade de informação não são exercidos de maneira correta, ou por vezes não são executados.

Em visita a biblioteca Fashion Kleiderei localizada em na cidade de Hamburgo as principais falhas encontradas dizem respeito à organização do acervo que não é eficaz, comprometendo assim a recuperação das informações e a localização das roupas para serem encaminhadas ao empréstimo. Outra falha grave é a falta de funcionários e principalmente funcionários que estejam capacitados para fazer a organização e manutenção do acervo.

Imagem 4: organização de uma roupateca



Fonte: elaborada pela autora, 2016.

Imagem 5: Identificação das peças



Fonte: elaborada pela autora, 2016.

Na imagem 4 as roupas não estão agrupadas por classes ou tipos de itens, as peças recebem um número de registro, são etiquetadas (imagem 5) mas não estão dispostas de maneira lógica. Faltam também documentos técnicos próprios de uma UI como, por exemplo, um inventário. Para profissionais de áreas distintas a comparação às bibliotecas é válida, pois em sua essência as bibliotecas de roupas oferecem um serviço parecido com o oferecido pelas bibliotecas tradicionais, Thekla Wilkening cofundadora da roupeca Kleideri diz que assim como nas bibliotecas encontram-se livros clássicos e literaturas atuais, a roupeca possui tanto as peças atemporais como as tendências (Apêndice A). Mas percebe-se que diante da falta de serviços especializados as bibliotecas de roupas não podem ser consideradas bibliotecas propriamente ditas.

6 O PROCESSO DE CATALOGAÇÃO

A catalogação é entendida como a descrição dos aspectos gerais de um determinado item a fim de torná-lo único perante os demais, junto com a classificação e a indexação formam a representação da informação, principal atividade desenvolvida nas UIs atualmente, mas desde a Antiguidade se discute sobre a aplicação de técnicas para a organização do acervos.

Segundo Mey e Silveira (2010, p. 126) catalogação é definida como: “o estudo, a preparação e a organização de mensagens, com base em registros do conhecimento, reais ou ciberespaciais existentes ou passíveis de inclusão em um ou vários acervos”, a partir da catalogação é gerado um registro bibliográfico contendo um conjunto de informações pertinentes a um determinado item a fim de que o individualize entre os demais e o reúna a seus semelhantes, possibilitando ao usuário a localização do item desejado, bem como a descoberta de documentos correlatos, permitindo assim a escolha do material mais adequado as suas necessidades, uma vez que o usuário primeiro tem acesso à representação do material e posteriormente ao item em si (MEY, 1995).

O ato de catalogar exige do profissional que o executa certa sensibilidade acerca do suporte a ser catalogado, cabe a ele conhecer minimamente as possíveis características que o objeto pode apresentar em seu conteúdo, pois deve garantir que as informações registradas sejam verdadeiras uma vez que: “descrever e analisar o objeto pesquisado faz com que este tenha validade científica através de metodologias e dão ao pesquisador um conjunto de elementos para procurar fazer uma crítica do documento usado como fonte” (ALBUQUERQUE, 2006. p.61).

De acordo com Mey (1995) a catalogação apresenta as seguintes características: integridade, clareza, precisão, lógica e consistência; uma catalogação correta deve apresentar minuciosamente todas essas características, pois a automatização dos sistemas de bibliotecas e a abertura do acesso a internet, possibilitou o acesso remoto ao registro bibliográfico tanto de usuários quanto de outras UIs, portanto a descrição deve ser feita de maneira mais verdadeira possível para que não haja danos na comunicação entre o item e o usuário.

6.1 Etapas da Catalogação

De forma metodológica o processo de catalogação apresenta conforme Mey (1995) as seguintes etapas:

- Leitura técnica: análise do objeto a ser catalogado para fazer o levantamento das informações necessárias para sua representação;
- Descrição bibliográfica: faz a caracterização do material em tratamento, extraído do próprio item os dados pertinentes para individualizá-lo, ainda que sejam encontrados mais de uma unidade do artigo em questão;
- Pontos de acesso: são as informações referentes ao título, aos assuntos e a responsabilidade intelectual pelo documento, determinadas e escolhidas pelo catalogador de acordo com as normas e regras dos instrumentos auxiliares, permitindo ao usuário o acesso à representação do item;
- Dados de localização: permitem ao usuário a localização do item no acervo.

6.2 Códigos de catalogação

Os primeiros registros acerca da catalogação datam dos anos de 668-626 a.C da biblioteca de Assurbanípal na Assíria (PEREIRA JÚNIOR, 2016) e ao longo do tempo vários códigos e manuais foram desenvolvidos com normas específicas a fim padronizar as informações contidas nos registros bibliográficos de Unidades de Informações por todo o mundo, cada código apresentava características diferentes.

- 1841 – Antony Panizzi em colaboração com a Biblioteca do Museu Britânico publica um folheto com 91 regras para a catalogação do acervo da mesma, tal obra foi muito criticada e gerou diversas discussões, fato que ficou conhecido como *Battle of Rules* (Batalha das Regras). Entre as características apresentava a valorização da página de rosto; conceito de autoria coletiva; entrada pelo prenome; entrada pelo título para obras anônimas; entrada pelo pseudônimo; entrada pelo sobrenome de família para autores pertencentes à nobreza; e cabeçalhos formais para entradas principais.

- 1852 – Charles Jewett publica o código *Smithsonian report on the construction of catalogues of libraries*, baseado na obra de Panizzi contendo algumas alterações com a entrada pelo verdadeiro nome do autor em caso de pseudônimos e conceito de autoria coletiva firmado.

- 1876 – Charles Ammi Cutter publica *Rules for a printed dictionary catalogue* contendo 369 regras. Trazia em seu conteúdo regras para a padronização de nomes para entradas de autor e títulos; parte descritiva; cabeçalho de assuntos; alfabetação; e arquivamento de fichas.
- 1890 – O código de Instruções Prussianas (*Instruktionen für die Alphabetischen Katalogue der preussischen Bibliotheken*) trazia em seu conteúdo as normas para as bibliotecas alemãs, tornou-se o Código da Real Biblioteca de Berlim e passou a ser adotado nos países da Áustria, Dinamarca, Holanda, Hungria, Noruega, Suécia e Suíça.
- 1908 – Foi publicado o código da American Library Association (ALA) com o título *Condensed rules: author and titles entries*, que era constituído de uma seleção das normas da *Library of Congress*(LC) sugerida por Melvil Dewey em colaboração com a *British Library Association*.
- 1949 – Sob a iniciativa de Lydia de Queiroz Sambaqui, do Departamento administrativo do Serviço Público e do Instituto Nacional do Livro, foi publicado no Brasil o código intitulado Normas de Catalogação de impressos.
- 1961 – Foi realizada a Conferência de Paris onde foi aprovada a Declaração dos Princípios Internacionais de Catalogação que ficou conhecida como “Princípios de Paris”, o evento contou com a presença de representantes de cerca de 50 países e tinha por objetivo servir de base para uma normalização internacional na catalogação⁵.

6.2.1 O código *Anglo-American Cataloguing Rules* (AACR)

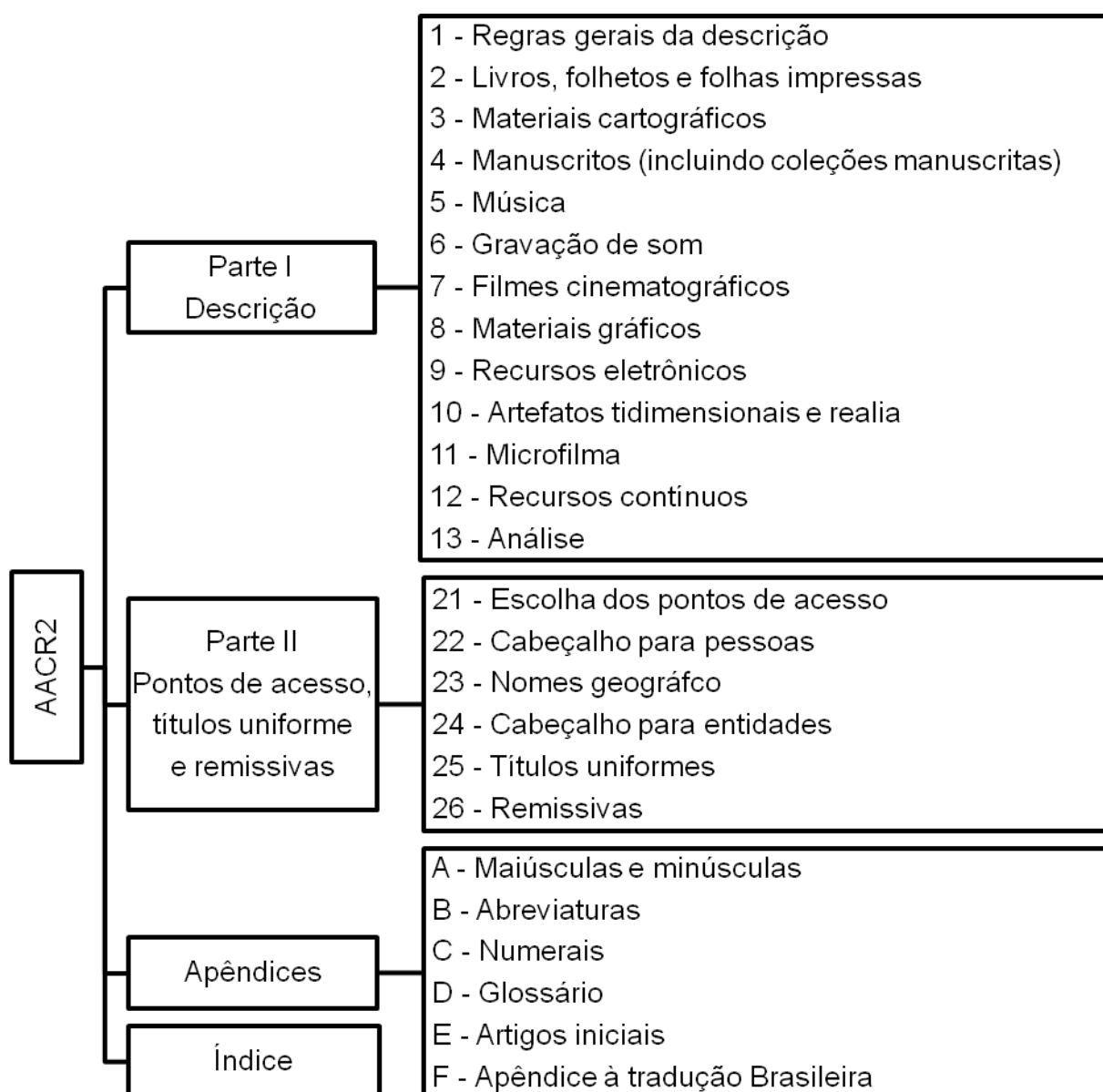
Em 1969 foi publicado o *Anglo-American Cataloguing Rules* resultado de estudos dos comitês de catalogação das seguintes instituições: *American Library Association* (ALA), *Library of Congress* (LC), *Library Association* da Grã-Bretanha e *Canadian Library Association*, em seu conteúdo trazia as regras de catalogação revisadas do Código da ALA e adequadas aos princípios da Conferência de Paris. A edição brasileira foi publicada no mesmo ano com o título Código de Catalogação

⁵ Esta seção foi baseada nas obras de PEREIRA JÚNIOR, 2016 e SOUZA, 1997.

Anglo-Americano, traduzida por Abner Lellis Correa Vicentini com a colaboração do padre Astério Campos, foram incorporados os apêndices III, VII e VIII com as adaptações para a língua portuguesa, essas alterações foram devidamente autorizadas pela ALA (SOUZA, 1997).

Em sua segunda edição (revisão de 2002), o AACR2 divide-se da seguinte maneira:

Organograma 1: Hierarquia do AACR2



Fonte: elaborado pela autora de acordo com a estrutura do código.

A parte I divide-se em 13 capítulos contendo as regras de descrição para diferentes suportes informacionais. O capítulo 1 trata sobre as regras gerais da descrição, que o AACR2 (2004) divide em 11 áreas contendo as seguintes informações:

- 1 Área do título e da indicação de responsabilidade;
- 2 Área da edição;
- 3 Área dos detalhes específicos do material (ou do tipo de publicação);
- 4 Área da publicação, distribuição etc.;
- 5 Área da descrição física;
- 6 Área da série;
- 7 Área das notas;
- 8 Área do número normalizado e modalidades de aquisição;
- 9 Itens suplementares;
- 10 Itens constituídos de vários tipos de material;
- 11 Fac-Símiles, fotocópias e outras reproduções.

Atualmente o AACR2 é o código mais usado no Brasil por ser o mais completo e abordar os mais variados materiais passíveis de catalogação em uma Unidade de Informação.

No capítulo 10, na parte I do código trata sobre objetos tridimensionais, que “dizem respeito à descrição de objetos tridimensionais de todos os tipos como modelos, dioramas, jogos, cassetes de braile, escultura e outras obras de arte tridimensionais, objetos de exposições, máquinas e vestuário” (AACR2, 2004, p. 10-2), nesse contexto, se incluem os itens têxteis, que segundo o código a fonte principal de informação é o próprio item e as informações que dele se puder extrair.

Apesar de trazer regras para a catalogação de itens de vestuário, fazê-la torna-se um desafio, uma vez que o código trata dos pontos de acesso e quais são as fontes principais de informação, porém a prática requer o conhecimento sobre o item em questão e se o profissional que a faz não tem afinidade com o objeto, não saberá fazer nem sequer a leitura técnica.

7 CATALOGAÇÃO DA INDUMENTÁRIA

A catalogação nas Unidades de Informação que apresentam um acervo especializado em moda se assemelha à exercida em bibliotecas tradicionais, porém com atribuições de características diferenciadas uma vez que as coleções especiais possuem:

documentos e suportes de informação que não aparecem no formato de um livro, mas sim, outros formatos como desenhos, gravuras, fotografias, microformas, mapas, gravações de som, audiovisual, partituras musicais, recursos eletrônicos, entre outros, com a exclusão dos trabalhos artísticos originais e cópias de objetos encontrados naturalmente. (*INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS (IFLA)*, 1993 apud BENDER; SIMIONATO, 2016, p.68).

Por se tratarem de materiais especiais, exigem do catalogador um conhecimento específico para cada suporte. Costa descreve sua experiência com catalogação de tecidos e aponta quais os procedimentos que são levados em consideração na Teciteca onde atua. As bandeiras de tecido tem o padrão 50 x 40 cm, recebem um Registro Geral (REG); são classificados de acordo com sua fabricação (composição das fibras, a gramatura, seu nome comercial, e a empresa fabricante); o nome de seu doador é registrado bem como a data da entrada do material. Após o registro das informações são fixadas em suportes de papelão e recebem uma etiqueta de identificação (COSTA, 2005) e só então podem ser disponibilizados para pesquisas e empréstimos.

Os registros bibliográficos podem se apresentar das seguintes formas:

Quadro 1: modelo de Etiqueta

<p>Nº: (número da bandeira dentro de sua classificação) REG: (número do registro geral) COMPOSIÇÃO: (porcentual de fibras do tecido) ARTIGO: (nome comercial do tecido) GRAMATURA: (g/m²) EMPRESA: (fabricante) DOADOR: (pessoa física ou jurídica) DATA: (de entrada do material na teciteca)</p>

Fonte: COSTA, 2005, p.135⁶

⁶ Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/237066819/modapalavra-livro-4>>. Acesso em: 02 set. 2017.

Imagem 6: Dados do acervo de uma bandeira de tecido

Dados do acervo - Bandeira de Tecido	
Número de Chamada	677.075
Autor Principal	Tecidos Cassia Nahas
Título Principal	Bouclé
Outros Títulos	Malha
Publicação	São Paulo (SP) : Tecidos Cassia Nahas, [200-?].
Descrição Física	1 bandeira de tecidos : color ; 30x45 cm
Notas	Composição: 100% poliéster Armação: malha retilínea com ligação em pêlos Cores da bandeira: marinho e bege
Assuntos	Malhas Fibra de poliéster

Fonte: Sistema de bibliotecas SENAI⁷

O quadro 1 apresenta um modelo de etiqueta fixada a uma bandeira de tecido, usada para fazer a identificação do item. Já a imagem 6 ilustra os dados referentes ao registro na base de dados do acervo usando a divisão por áreas do AACR2, no formato *Machine Readable Cataloging* (MARC) que é o formato de catalogação legível para computadores), ambos mostram o registro bibliográfico, um dos produtos da catalogação. Com o avanço da automação dos acervos cada vez mais bibliotecas estão aderindo ao padrão MARC como no exemplo da imagem 5 onde:

O autor é representado pelo fornecedor do tecido; **o título principal** será a classificação, sendo elas tecido plano, tecido de malha, tecidos de laçadas, tecidos não tecidos e tecidos de criação; **outros títulos** serão representados pelo nome comercial; **a publicação** equivale ao local e ao fornecedor e ano; complementando tecnicamente com a **descrição física** através da cor, composição, largura e quantidade de bandeiras; **os assuntos** serão identificados por palavras técnicas relevantes (KAULING, 2008, p.51).

Nas modatecas, para que a descrição física seja mais detalhada, atribui-se de um breve resumo para caracterizar ainda mais o tipo de material que está sendo descrito, visto que envolvem diversos outros itens têxteis como no exemplo da imagem 6 dos dados do acervo de um chapéu.

⁷ Disponível em: <<https://biblioteca.sc.senai.br/pergamum/biblioteca/index.php>>

Imagem 7: Dados do acervo de um chapéu

Chapéu

Idioma: Undetermined

Autores: Monios, Marthe

Informações de publicação: [194- ou 195-].

Descrição física: 1 Chapéu

Tipo de publicação: Book

Tipo de documento: Book

Termos do assunto: MODA
CHAPEU
ANOS 50
ANOS 40
CHAPEU CANOTIER

Resumo: Summary: Chapéu canotier* estilizado em gazar cor azul turquesa com voilette point d'esprit preto preso por uma guirlanda de flores de veludo azul claro. Criação : Marthe Monios Época : Anos 1950 *Canotier (boater, canoeiro, gondoleiro) ? chapéu com a copa chata e aba pequena, do tipo usado por gondoleiros, de palha, palheta. Estilizados na moda em diferente tipos de materiais.

Número de acesso: senac.0000132605

Base de dados: Acervo SENAC

Local	Número de registro	Status
BIBLIOTECA CAMPUS SENAC	391.43 M744c MODATECA Modateca - gaveta 14	Exibir Registro de Catálogo

[+ Livros semelhantes](#)

Fonte: Sistema de Bibliotecas do SENAC⁸.

Na imagem 7 percebe-se grandes diferenças por conta do suporte que apresenta, tornando a padronização na catalogação uma tarefa difícil, conforme observa Batista "por mais que se procure padronizar a descrição bibliográfica de diferentes recursos, as características específicas de cada tipo de documento impõem também a existência de critérios e normas específicas" (BATISTA, 2007, p.2).

Embora diferentes, a catalogação dos suportes seguem uma ordem metodológica em comum que deve ser seguida por qualquer UI como ilustra o quadro 2.

Quadro 2: Procedimentos da representação

PASSO A PASSO	
○	Receber as novas aquisições;
○	Listar os materiais;
○	Atribuir o número de registro geral;
○	Fazer a descrição do item;
○	Inserir as informações na base de dados;
○	Cortar o tecido em um tamanho padrão (no caso das bandeiras de tecido);
○	Adicionar uma etiqueta de identificação;
○	Preparar o suporte para disponibilizá-lo.

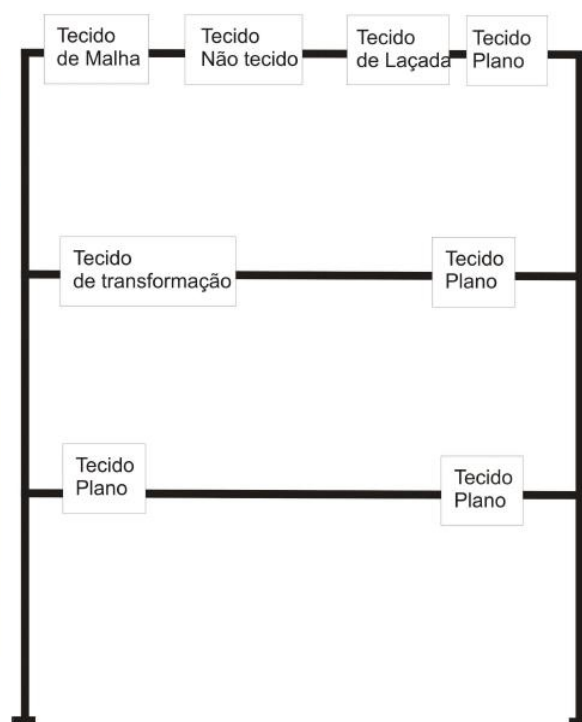
Fonte: elaborado pela autora, 2018.

⁸ Disponível em: < <http://eds.b.ebscohost.com/eds/detail/detail?vid=2&sid=dd7fce72-97ba-49bc-8b8e-3df1394d3cb6%40pdv-v-sessmgr01&bdata=Jmxbhmc9cHQYnImc2l0ZT1lZHMtbGl2ZSZzY29wZT1zaXRI#AN=senac.0000132605&db=cat02975a>>

O quadro 2 foi elaborado de acordo com o caminho que o item faz na biblioteca (MEY, 1995) e com as experiências de Costa (2006) a frente da teciteca da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), quanto à padronização das bandeiras de tecido, cabe a cada instituição definir o tamanho adequado, cuidando para que se consiga extrair as informações necessárias para futuras pesquisas para o desenvolvimento das coleções de moda por parte dos profissionais da área.

Após o processo de catalogação os itens são preparados para serem disponibilizados aos usuários, sua disposição deve ser feita de acordo com o tipo do item em questão. Com os tecidos, as bandeiras recebem uma etiqueta e um suporte geralmente de papelão, e um cabide e são penduradas em araram móveis ou fixas, e são agrupadas por tipo de tecidos (imagem 8).

Imagem 8: Distribuição das bandeiras



Fonte: KRAULING, 2008, p.55⁹

⁹ Disponível em: <https://www.enmoda.com.br/site/_arquivos/artigos/171357_Monografia_teciteca.pdf>.

Imagem 9: Coleção de maiôs retrós



Fonte: BOSCOLO, Marcella Ferrari, SOARES, Ribamar, 2016¹⁰.

Com as roupas, cada instituição a disponibiliza da maneira que julgar mais coerente, no caso da imagem 9 na modateca do SENAC – Lapa Faustolo as peças são agrupadas por itens do mesmo tipo e são distribuídas em gavetas.

Com o processo de catalogação e organização do acervo encerrados, os itens estão aptos às pesquisas atingindo assim o seu objetivo final de todas as Unidades de informação, que é satisfazer as necessidades informacionais do usuário.

¹⁰ Disponível em: <<http://www.senacmoda.info/senac-lapa-faustolo-modateca-ganha-espaco-de-projetos/>>

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos na área da moda envolvem diretamente os materiais têxteis e suas tecnologias, o que permite ao aluno/pesquisador a escolha dos materiais mais adequados para o desenvolvimento de uma coleção de moda, mas para isso deve contar com a ajuda das Unidades de Informação que possuem os suportes pertinentes e quando descritos e disponibilizados de maneira correta contribuem para o sucesso do desenvolvimento dessas coleções.

O objetivo principal desta pesquisa foi identificar como ocorre a catalogação de itens de indumentária em coleções especializadas em moda, onde foi identificado que o principal desafio na realização desta atividade, a falta de literatura específica abordando o tema. Outra falha grave é em relação ao gerenciamento dessas UIs que por vezes não são executadas por profissionais da Ciência da Informação, comprometendo assim o processo de catalogação.

Constatou-se o ato de vestir-se acompanha o homem desde os primórdios das civilizações, porém a moda que conhecemos hoje tem início na Idade Média, onde o homem começou a se questionar sobre sua existência e a moda passou a ser um reflexo dos costumes das sociedades, observou-se também que o campo científico da moda ainda está num processo de expansão, pois a produção científica ainda é relativamente baixa quando comparada a de outras áreas consolidadas. Embora a produção científica seja pequena, a demanda por itens especializados é bem grande, fazendo-se necessária a incorporação desses objetos aos acervos tradicionais exigindo que o catalogador se especialize nessa área, pois como foi demonstrado nesta pesquisa, quando uma Unidade de Informação é gerenciada por leigos, muitos serviços que são essenciais para essas UIs acabam não sendo realizados e fazem associações errôneas ao conceito de bibliotecas.

Uma vez que esses serviços são executados de forma errada, comprometem o objetivo da catalogação que como visto obedece às normas e padrões específicos para cada suporte. Espero com essa pesquisa, alertar os profissionais da área da Ciência da Informação para o tratamento técnico destes itens e sobre a importância do registro das informações sobre este tema, para não se confortarem apenas com o tradicional, pois o profissional da informação é aquele que está sempre atento para as novidades informacionais e tecnológicas para atingir o principal objetivo de qualquer Unidade de Informação, atender as necessidades de seu usuário.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Ana Cristina de. **Catálogo e descrição de documentos fotográficos em bibliotecas e arquivos**: uma aproximação comparativa dos códigos AACR2 e ISAD (G). 2006. 188f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2006. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/albuquerque_ac_me_mar.pdf>. Acesso em: 17 jan. 2018.

BENDER, Layra Andressa Paulino; SIMIONATO, Ana Carolina. **O processo de catalogação de coleções especiais**: moedas em bibliotecas. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS, XI, 2016. Londrina. *Anais...* Disponível em: <<http://www.proceedings.blucher.com.br/article-details/o-processo-de-catalogao-de-colees-especiais-moedas-em-bibliotecas-23554>>. Acesso em: 18 dez. 2017.

BARROS, Izabelle Souza. A implantação de uma modateca como fator de desenvolvimento para indústrias de moda do Arranjo Produtivo Local do Agreste Pernambucano. **Revista de extensão da Universidade de Taubaté (UNITAU)**, Taubaté, v. 2, n. 1, p. 1-12, 2009. Disponível em: <<http://periodicos.unitau.br/ojs-2.2/index.php/extensao/article/viewFile/1043/740>>. Acesso em: 12 out. 2017.

COSTA, Maria Izabel. **A teciteca no contexto da interdisciplinaridade universitária**: um espaço dinâmico e interativo. In: COLÓQUIO DE MODA, II, 2006. [Salvador]. *Anais...* Disponível em: <http://www.coloquiomoda.com.br/anais/anais/edicoes/2-Coloquio-de-Moda_2006/artigos/83.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2017.

_____. Teciteca: perspectivas de expansão e reconceituação para cursos de moda. **Modapalavra**: Reflexões em Moda, Florianópolis, v. 4, p. 132-139, nov. 2005. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/237066819/modapalavra-livro-4>>. Acesso em: 02 set. 2017.

_____. **Transformação do Nãotecido - uma abordagem do design têxtil em produtos de moda**. 2003. 200 f. Dissertação (mestrado em Engenharia de Produção) - Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/85664/201102.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 14 set. 2017.

CÓDIGO de catalogação anglo-americano. 2.ed. São Paulo: FEBAB, 2004.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2008, 451 p.

KRAULING, Graziela Brunhari. **Implantação de uma teciteca no SENAI Rio do Sul**. 2008. 72 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Faculdade Estácio de Sá de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. Disponível em: <https://www.enmoda.com.br/site/_arquivos/artigos/171357_Monografia_teciteca.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2017.

LAVER, James. **A roupa e a moda**: uma história concisa. São Paulo: Companhia das letras, 1989. 285 p.

LIPOVETSKY, Gilles. **O Império do Efêmero**: a moda e o seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

MEY, Eliane Serrão Alves. **Introdução à catalogação**. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 1995. 123 p.

MEY, E. S. O. A.; SILVEIRA, N. C. Considerações teóricas aligeiradas sobre a catalogação e sua aplicação. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, v. 1, n. 1, p. 125-137, 2010. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/v/a/9502>>. Acesso em: 18 dez. 2017.

PEREIRA JÚNIOR, Eraldo Isídio. **Depanizze ao RDA**: um estudo sobre a evolução da catalogação nos cursos de biblioteconomia no Brasil. . 2016. 56 f. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008. Disponível em: <<http://www.ccsa.ufpb.br/biblio/contents/menu/tcc>>. Acesso em: 18 jan. 2018.

PIRES, D. B. A história dos cursos de design de moda no Brasil. **Nexos**, São Paulo, v. 6, n. 9, p. 1-13, 2002. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/2989098-A-historia-dos-cursos-de-design-de-moda-no-brasil-the-history-of-the-courses-of-fashion-design-in-brazil.html>>. Acesso em: 27 ago. 2017.

POLLINI, Denise. **Breve história da moda**. São Paulo: Editora Claridade, 2007. 96p.

ROKICKI, Cristiane Camizao. **Modateca**: espaço de pesquisa e memória com proposta de itinerância e desenvolvimento acadêmico. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, XXV, 2013. Florianópolis-SC. *Anais...* Disponível em: <<https://portal.febab.org.br/anais/article/viewFile/1587/1588>>. Acesso em: 17 ago. 2017.

SENAC. **Modateca do Senac reúne mais de 3 mil amostras de tecidos**. 2011. Disponível em: <<http://www.sp.senac.br/jsp/default.jsp?tab=00002&subTab=00000&newsID=a18471.htm&testeira=453>>. Acesso em: 19 ago. 2017.

_____. **Modateca**. 2017. Disponível em: <<http://www.sp.senac.br/jsp/default.jsp?newsID=a21437.htm&testeira=2134&sub=0>>. Acesso em: 13 nov. 2017

SOUZA, Denise Helena Farias. **Códigos de catalogação**: uma abordagem histórica. Belém: Editora Universitária da UFPA, 1997. 19 p.

TREVISOL NETO, O.; CAFÉ, L. G. M. A.; SILVA, E. L. C. As instituições, produtores e produtos científicos do campo da moda no Brasil. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 22, n. 2, 2017. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/23446>>. Acesso em: 27 ago. 2017.

APÊNDICE A

Entrevista com Thekla Wilkening (uma das fundadoras da *fashion library* Kleiderei)

Como foi a ideia de criar Kleiderei?

Na verdade, era uma ideia divertida sobre a qual pensávamos. Nós estávamos falando sobre moda, em especial de biblioteca e pensei que seria muito divertido, se você pudesse alugar roupas em bibliotecas também e então pensamos que seria bom apresentar essa ideia ao mundo e começar um pouco conceito e então crescemos em um negócio.

Quais foram suas inspirações para criar esta empresa?

Bem, provavelmente, a moda rápida e todos os impactos negativos que causam no meio ambiente. Fazer compras já não é divertido. Isso é muito ruim para todas as pessoas que estão incluídas no processo de produção e, por outro lado, a moda é divertida - qualquer pessoa pode tentar qualquer coisa, então alugar roupas é a melhor possibilidade.

Quantos itens a roupageca possui?

Nós temos cerca de mil e quinhentas fotografias no site e no acervo físico cerca mil e quinhentos itens.

Como os itens são organizados?

Todos eles ganham números, de forma cronológica, como a forma como são fotografados e na forma como eles são carregados em nosso backend e é assim que eles podem alugá-los.

Quantos usuários vocês tem?

Temos mais de mil pessoas já registradas.

Quantos funcionários a Kleiderei tem?

5 no total, 3 funcionários permanentes e 2 pessoas que são colaboradores.

Como é feita a aquisição dos itens?

De três maneiras: trabalhamos em parceria com designers locais, que nos oferecem descontos. Também compramos roupas e acessórios em lojas de mercado livre ou em brechós, mas os itens devem estar em boa estado. Por fim, incentivamos nossos clientes a enviar as roupas que não usam ou não lhes servem mais.

Após a Kleiderei, surgiram várias lojas com o mesmo conceito, e eles são chamados de bibliotecas *fashion*, na sua opinião, a Kleiderei é uma biblioteca?

Por quê?

Sim, porque alugamos roupas para uma taxa mensal e também fazemos a manutenção das mesmas e do espaço. O conceito de Kleiderei não é comprar coisas novas e alugá-las por uma temporada, mas sim, termos um acervo variado contendo itens atuais, peças vintage, roupas clássicas, tendências, etc. Para mim, isso é como uma biblioteca, porque você não possui uma biblioteca para possuir, e sim, para alugar e emprestar os mais variados tipos de livros, desde os clássicos até literaturas mais atuais. Você pode emprestar um livro e devolvê-lo sem ler, e algumas roupas você devolve sem usá-las. Pra mim a comparação com uma biblioteca é perfeita.